



## As Fontes Jornalísticas e a Folha de S. Paulo nas Diretas Já!<sup>1</sup>

Fernanda MAROSTEGAN<sup>2</sup>  
Mariana FERRACINI<sup>3</sup>  
Maura VOLTARELLI ROQUE<sup>4</sup>  
Paula da CONCEIÇÃO<sup>5</sup>  
Tássia ALVES DE LIMA<sup>6</sup>  
Thomaz MAROSTEGAN<sup>7</sup>

Rosemary BARS MENDEZ<sup>8</sup>

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

### RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar o comportamento da *Folha de S. Paulo* a partir das fontes jornalísticas utilizadas pelo jornal na cobertura do movimento das Diretas Já. Tendo como base esse objetivo inicial, procurou-se responder a hipótese de que a *Folha de S. Paulo* apoiou e endossou o movimento, o que levou a análise de exemplares da *Folha de S. Paulo* datados do final de março e do mês de abril de 1984. Nestes, o foco principal de análise foram as fontes jornalísticas usadas para compor a notícia ou o relato de fatos específicos ligados ao período. Buscou-se, portanto, neste trabalho, aproximar-se da verdade dos fatos por meio do intenso trabalho investigativo e da abrangente pesquisa bibliográfica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Folha de S. Paulo, Diretas Já, Fonte Jornalística

### INTRODUÇÃO

O problema investigado neste trabalho de pesquisa refere-se às fontes jornalísticas utilizadas pelo jornal *Folha de S. Paulo* e de que maneira estas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação, 5º semestre do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas, email: [fetegan@yahoo.com](mailto:fetegan@yahoo.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação, 5º semestre do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas, email: [mari.ferracini@hotmail.com](mailto:mari.ferracini@hotmail.com)

<sup>4</sup> Estudante de Graduação, 5º semestre do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas, email: [ma\\_voltarelli@yahoo.com.br](mailto:ma_voltarelli@yahoo.com.br)

<sup>5</sup> Estudante de Graduação, 5º semestre do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas, email: [pah-com@hotmail.com](mailto:pah-com@hotmail.com)

<sup>6</sup> Estudante de Graduação, 5º semestre do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas, email:

<sup>7</sup> Estudante de Graduação, 5º semestre do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas, email: [thomarostegan@yahoo.com.br](mailto:thomarostegan@yahoo.com.br)

<sup>8</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas, email: [rosebars@uol.com.br](mailto:rosebars@uol.com.br)



influenciaram o posicionamento do jornal durante o período das “Diretas Já”. A partir da premissa de que já foram feitas diversas pesquisas sobre o tema, o ineditismo do trabalho se deu pelo fato de ser uma investigação direta das fontes ouvidas nas matérias e reportagens do jornal na época de maior furor do movimento. O período escolhido vai de 25 de março de 1984 até 25 de abril do mesmo ano, dia em que foi votada a emenda Dante de Oliveira. A escolha do problema foi baseada na relevância histórica e social da *Folha de S. Paulo* e na importância do movimento das Diretas Já para o processo de redemocratização do Brasil.

O principal objetivo da pesquisa foi contextualizar as fontes de informação ouvidas pela *Folha de S. Paulo* e mostrar como elas influenciaram a cobertura do jornal durante o período.

A hipótese deste trabalho, de que as fontes de informação ouvidas pela *Folha de S. Paulo* foram decisivas para que o jornal fizesse uma cobertura favorável ao movimento das Diretas, foi investigada a partir de pesquisa documental, qualitativa e quantitativa. As fontes de informação ouvidas pela *Folha*, nesse período, foram selecionadas, catalogadas e pesquisadas. Dessa forma, ao final do trabalho, têm-se respostas de quem foram as fontes, se estas foram favoráveis ou contrárias ao movimento e se a *Folha de S. Paulo* deu mais espaço à fontes que endossavam as Diretas.

Para realizar a pesquisa foi necessária a visita aos arquivos documentais da *Folha de S. Paulo* para a apropriação dos exemplares analisados nos meses de 1984.

Este trabalho foi organizado em três etapas principais. A primeira foi a vasta pesquisa bibliográfica sobre o contexto do movimento das Diretas, o que incluiu pesquisa histórica da época e pesquisa sobre o jornal *Folha de S. Paulo*. A segunda foi a análise das fontes de informação. E, a terceira, análise dos resultados obtidos com as pesquisas para a confirmação da hipótese ou não.

Fonte Jornalística - No livro *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*, Nilson Lage (2006) analisa a fonte como um dos elementos básicos e constituintes de uma boa reportagem. Ao longo do capítulo dedicado às fontes, ele começa explicando o que é uma fonte jornalística, fala dos tipos de fontes, e traça um panorama histórico sobre a mudança na relação jornalista e fonte no contexto do surgimento das assessorias de imprensa. Nilson Lage define fonte como instituições



ou personagens que testemunham ou participam de eventos de interesse público. Segundo ele, cabe ao repórter selecionar e questionar as fontes de modo a obter delas dados - que serão processados segundo técnicas jornalísticas - transformando-as em informações. Lage também fala sobre a natureza das fontes. Em uma primeira categoria as divide em oficiais, oficiosas e independentes.

Fontes oficiais são mantidas pelo Estado; por instituições que preservam algum poder de Estado, como juntas comerciais e os cartórios de ofício; e por empresas e organizações, como sindicatos, associações, fundações etc. Fontes oficiosas são aquelas que, reconhecidamente ligadas a uma entidade ou indivíduo, não estão, porém, autorizadas a falar em nome dela ou dele, o que significa que o que disserem poderá ser desmentido. Fontes independentes são aquelas desvinculadas de uma relação de poder ou interesse específico em cada caso (LAGE, 2006, p.63).

Lage diz que das três fontes citadas acima, as oficiais são tidas como as mais confiáveis sendo inclusive comum que muitas vezes elas nem sejam mencionadas. No entanto, ele ressalta que devem se citar, sempre que possível, as fontes, sobretudo de dados numéricos, e questionar informantes sobre a origem dos números que citam.

As fontes independentes estão ligadas principalmente às chamadas Organizações Não-Governamentais (ONGs) no Brasil e Organizações sem fins-lucrativos nos EUA. Em relação a elas, Lage também alerta que não se pode confiar plenamente em seu discurso, já que membros dessas organizações ostentam uma espécie de fé cega naquilo que defendem, podendo inclusive falsear os dados para não deixar de justificar a nobreza do fim.

Em uma segunda categoria Nilson Lage classifica as fontes em primárias e secundárias.

Fontes primárias são aquelas em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria; fornecem fatos, versões e números. Fontes secundárias são consultadas para a preparação de uma pauta ou a construção das premissas genéricas ou contextos ambientais (LAGE, 2006, p.65).

Lage cita um exemplo para tornar didática a explicação: no caso de uma descoberta acidental de peças antigas, a fonte primária seria os descobridores que forneceriam as primeiras informações e impressões do acontecimento, mas quando em um segundo momento, confronta-se a opinião deles com a de um historiador ou com documentos do arquivo municipal, que seriam as fontes secundárias, tem-se uma averiguação mais completa da informação.



No livro *Técnicas de Codificação em Jornalismo*, Mário Erbolato (2006), reserva uma parte do capítulo 9 intitulado: A reportagem, pauta e fontes do noticiário, para falar sobre as fontes jornalísticas.

O autor começa classificando as fontes em dois grandes grupos: as fixas e as fora de rotina. “Fixas são aquelas às quais se recorre para o noticiário de todos os dias, embora nem sempre forneçam assuntos de muito interesse. [...] Fora de rotina são as fontes procuradas excepcionalmente, quando o esclarecimento de um fato o exige” (ERBOLATO, 2006, p. 183).

Em seguida, Erbolato (2006), define fonte como sendo qualquer pessoa que presta informações ao repórter. E, a partir dessa definição, inicia uma discussão a respeito da generalização do uso do termo fonte, tanto no singular, quanto no plural.

Dando sequência à classificação das fontes, Mário Erbolato (2006) as divide em: diretas, indiretas e adicionais. Segundo ele, as diretas são pessoas ou documentos envolvidos diretamente com o fato. As fontes indiretas são pessoas ou documentos que sabem de um fato apenas circunstancialmente, mas não estão diretamente envolvidas com ele. Para definir fontes adicionais, Erbolato faz uso da definição de Octavio Bonfim, presente em seu livro “A Apuração da Notícia”, em que ele diz das fontes adicionais como sendo aquelas que fornecem informações suplementares ou ampliam a dimensão da história.

[...] são aquelas que fornecem informações suplementares ou ampliam a dimensão da história. Entre elas, citam-se os livros de referência, enciclopédias, almanaques, atlas e relatórios. Na mesma classificação são incluídas as pessoas, de qualquer forma ligados a acontecimentos atuais (BONFIM, 1969 *apud* ERBOLATO, 2006, p. 184).

A *Folha de S. Paulo* - De acordo com O Manual da Redação (2001), o jornal *Folha de S. Paulo* foi criado por Olival Costa e Pedro Cunha, em 19 de Fevereiro de 1921, sob o formato de um jornal vespertino: o *Folha da Noite*, que tinha como prioridade noticiar as deficiências dos serviços públicos. O jornal lançou campanhas pelo voto secreto, apoiou o tenentismo e o Partido Democrático.<sup>9</sup> Nesse período as impressões eram feitas nas oficinas de *O Estado de S. Paulo*. “O objetivo dos

---

<sup>9</sup> CÍRCULO Folha: História da Folha. Disponível em:  
<[http://www1.folha.uol.com.br/foilha/circulo/historia\\_folha.htm](http://www1.folha.uol.com.br/foilha/circulo/historia_folha.htm)> Acesso em: 30 de abr. 2009



fundadores da *Folha* era atrair, com seu vespertino, leitores das classes médias urbanas e da classe operária” (MANUAL DE REDAÇÃO, 2001, p. 106).

O manual (2001) descreve que em julho de 1925, surgiu a edição matutina do jornal, o *Folha da Manhã* e, em 1º de julho de 1949, foi criado o *Folha da Tarde*. Os três títulos se fundiram, e em 1º de janeiro de 1960, surgiu o jornal *Folha de São Paulo*.

Em janeiro de 1931, o manual (2001) ressalta que a *Folha* foi comprada pelo cafeicultor Octaviano Alves de Lima, que priorizou a defesa do liberalismo e a oposição ao Estado Novo; o jornal passou então, a apoiar ostensivamente a reacionária oligarquia do café de São Paulo.

Os títulos mudaram de donos em 1931, quando Octaviano Alves de Lima, Diógenes de Lemos e Guilherme de Almeida os compraram e alteraram a razão social da organização que os editava para empresa *Folha da Manhã Ltda*. A linha editorial dos diários passou a ser marcada pela defesa dos interesses dos produtores rurais paulistas (MANUAL DA REDAÇÃO, 2001, p. 106).

O controle acionário da empresa passou para as mãos de José Nabantino em 1945, como foi citado no Manual da Redação (2001). E a imparcialidade foi adquirida como política redacional.

Renato Ortiz (1988) descreve no capítulo ‘O mercado de bens simbólicos’, a história do jornal *Folha de S. Paulo*, vista a partir da evolução econômica e tecnológica desde sua criação, e constatou o avanço da racionalidade na área jornalística a partir da *Folha*. Em 1956, a *Folha de S. Paulo* começou a se complicar com a produção dos editoriais e passou a não dar conta da demanda de impressão, como cita Renato Ortiz (1988): “A partir de 1956, o parque gráfico das Folhas começou a constituir-se em um ponto de estrangulamento para empresa, não dando conta de prover em tempo hábil a feitura dos jornais” (GOLGENSTEIN, 1988 *apud* ORTZ, 1988, p. 139). Renato Ortiz (1988) ressalta que foi neste ano que o jornal foi adquirido pelo grupo Frias-Caldeira, e com o passar dos anos sofreu uma reestruturação intensa.

De início uma reforma tecnológica, econômica e comercial, medidas compatíveis para uma empresa que agora seria parte de todo um conglomerado. Depois mudanças substanciais no processo mesmo do trabalho jornalístico. Um novo Manual de Redação foi elaborado, procurando planejar melhor as atividades e homogeneizar o método de produção do jornal (ORTIZ, 1988, p. 140).



O Brasil de 1984 e a mídia - O livro *Brasil: de Castelo a Tancredo*, de Thomas Skidmore (1988), fala em uma de suas partes intitulada *A campanha por eleições presidenciais diretas a respeito do movimento que ficou conhecido como Diretas Já*.

O autor aponta que a legitimidade das eleições indiretas estava sob forte ataque frontal, achando-se em andamento uma campanha em favor das eleições diretas para presidente em 1985. Uma emenda constitucional foi apresentada pelo deputado do PMDB, Dante de Oliveira, em março de 1983 pedindo a volta das eleições diretas.

O autor Ronaldo Costa Couto, em seu livro *História Indiscreta da Ditadura e da Abertura - Brasil: 1964 - 1985* (1999), também traça um panorama geral sobre a campanha pelas eleições presidenciais diretas, conhecidas como *Diretas-já*. Ronaldo Costa Couto contextualiza os primeiros passos da campanha e mostra que durante 1983, pouco a pouco, a ideia das eleições diretas para presidente ia sendo lançada, sendo adotada como prioridade inicialmente pelo PMDB, pelo PT e pelo PDT. Em junho do mesmo ano, o PMDB lançou a campanha nacional que começou com um pequeno comício em Goiânia, do qual participaram cerca de cinco mil pessoas. Ronaldo Couto deixa claro que a proposta vai se alastrando e mostrando um grande potencial de empolgação popular.

Era a ideia-força do direito de escolher o presidente. De querer fazê-lo e não poder. De algo furtado ao povo. Lideranças e personalidades começam a aderir [...] A campanha se desenvolve em duas frentes. A de mobilização popular, visando a sensibilizar o Congresso, e, segunda, a atuação direta junto aos deputados e senadores, principalmente do PDS, para obtenção do imprescindível quorum de dois terços nas duas casas (COUTO, 1999, p. 325).

Mas não eram apenas os partidos de oposição que davam um impulso ao movimento junto à população, outras importantes adesões se fizeram notar desde o início, e, sem dúvida alguma, influenciaram o rumo dos acontecimentos, como conta Skidmore.

Outras adesões foram surgindo, como a das associações de advogados e dos principais jornais como a *Folha de S. Paulo*. Importante contribuição também foi dada pelos artistas e personalidades do *show business* que ajudaram a transformar os comícios em grandes *happenings* culturais (SKIDMORE, 1988, p.468).



Neste sentido, Ronaldo Couto (1999) compara a campanha pelas eleições diretas a um rio depois de receber vários afluentes para dizer que ela foi ocupando cada vez mais espaço na mídia, ganhando força própria e tornando-se caudalosa através de diversas adesões, entre elas, a de grandes jornais, começando pela *Folha de S. Paulo*. Quando chega o início do ano de 1984 os comícios e as manifestações pelas eleições diretas já assumem uma grande proporção.

O autor fala sobre os principais comícios que aconteciam em importantes cidades brasileiras, todos com intensa participação popular, e chega ao auge do movimento, o início de abril de 1984.

No início de abril de 1984, todo o país está mobilizado. Vive e respira o sonho das Diretas Já. Uma espantosa energia política foi libertada. No dia 10 de abril, quase um milhão de pessoas compareceram ao comício do Rio de Janeiro, maior da história do país. Mas, em 16 de abril, o de São Paulo reúne mais de um milhão no Vale do Anhangabaú e adjacências, novo recorde nacional. O país inteiro está atento ao tema [...] As pesquisas mostram que 80% dos brasileiros dão como certa a provação (COUTO, 1999, p.327).

Em meio ao “buzinaço que marcou o dia da votação da Emenda Dante de Oliveira, impõe-se a frieza e a certeza dos números. Skidmore lança luz a eles.

A votação terminou sem que a emenda conseguisse, para ser aprovada, a maioria de dois terços. Perdeu somente por 22 votos. Precisava de 320 votos de um total de 479 congressistas, e recebeu 298. Destes votos, 55 eram de deputados do PDS que votaram a favor, apesar da forte pressão da liderança do partido e do Planalto. A campanha chegara mais perto da vitória do que alguém teria ousado prever um ano ou mesmo seis meses atrás (SKIDMORE, 1988, p.471).

O livro *Explode um novo Brasil*, de Ricardo Kotscho (1984) descreve por todos os capítulos o cotidiano de um jornalista no período do movimento conhecido como Diretas Já. O autor e jornalista Ricardo Kotscho, trabalhava no jornal *Folha de S. Paulo*, e foi um dos responsáveis pela cobertura de todo o movimento. Na obra, traz detalhes do comportamento da imprensa e da população.

As Diretas Já foi um movimento civil de lutas e reivindicações por ideais de um povo que estava saturado e desejava eleições diretas no país. Além da população,



muitos políticos, artistas e jornalistas desejavam batalhar por mudanças, e o autor, com muita vontade e determinação, apresenta a *Folha de S. Paulo*, como um veículo livre e suficiente para descrever aquele momento da história.

Chegando em casa, nem esperei para saber o resultado do jogo do meu time, e fui logo pra máquina escrever aquilo que tinha sonhado de olhos abertos: por que a *Folha de S. Paulo*, o último jornal liberal do País, não empunhava de uma vez esta bandeira das eleições diretas, como fazia a Imprensa, antigamente, quando se apaixonava por uma causa? (KOTSCHO, 1984, p.05).

E o desejo foi aceito. O jornal iria fazer a cobertura do movimento, ou seja, para Kotscho, parte de grande importância da mídia impressa estaria presente na campanha. O que significava que, o leitor iria saber da situação nem que fosse minimamente. E a *Folha de S. Paulo* iniciou sua cobertura, em meio a muitas repressões, porém com entusiasmo como é enunciado. “O resto já é história conhecida. A *Folha de S. Paulo* abria suas páginas para uma campanha que ainda engatinhava, quase clandestinamente, contida pelas eternas divisões de oposição brasileira” (KOTSCHO, 1984, p.12).

Ao contrário do que ocorria em um primeiro momento, quando os meios de comunicação encobriam a maioria dos fatos que iam contra a ditadura, foi a partir desta manifestação que a imprensa não deixou de divulgar mais nada, como conta Kotscho.

Em São Paulo, curti-se uma espécie de ressaca cívica depois do grande êxito do comício da Praça da Sé, mas a pressão exercida de baixo para cima no Comitê Pró-Diretas, com o vigoroso apoio da *Folha de S. Paulo*, não deixava a peteca cair. O mais impressionante era a vontade de participação demonstrada por parcelas da sociedade, antes marginalizadas do processo político, com novas idéias pipocando por toda a parte (KOTSCHO, 1984, p.14).

E o jornalista finaliza sua narrativa descrevendo a luta e a decepção da população brasileira. Após tamanha batalha pela mudança, pela volta da democracia no país, a emenda Dante de Oliveira foi negada no congresso e o povo sofreu. Mas mesmo assim não desistiu.

De fato, nem as nuvens escuras e a chuva do fim de tarde em Brasília, depois destes dias de sol, foram capazes de apagar a chama. Num apartamento da W-3, ainda resistia, apesar de tudo, uma faixa em que se podia ler simplesmente: Brasil (KOTSCHO, 1984, p.91).





A *Folha de S. Paulo* em 1984 - A autora Carolina Matos (2008), no livro *Jornalismo e Política democrática no Brasil*, fala sobre o modo como o jornalismo brasileiro contribuiu para o processo democrático por meio de quatro casos específicos: a campanha pelas eleições presidenciais diretas - Diretas Já, as eleições de 1989 entre Collor e Lula (PT), o Plano Real e a disputa presidencial de 2002, entre Lula (PT) e José Serra (PSDB).

A autora ao analisar o comportamento de alguns órgãos de imprensa, em especial da *Folha de S. Paulo*, durante a campanha pelas eleições diretas, deixa claro a importância política e social de tal movimento, que não poderia deixar de ser noticiado pela grande mídia, ou imprensa comercial, como se convencionou chamá-la. Carolina afirma que o jornal *Folha de S. Paulo* emergiu como o primeiro grande diário a explicitamente levantar a bandeira a favor das eleições diretas, assumindo uma posição militante e ativa destacada na época em relação aos outros jornais.

O jornal *Folha de S. Paulo* emergiu como o primeiro grande diário a explicitamente levantar a bandeira a favor das eleições diretas, ao assumir uma posição militante e ativa destacada na época em relação aos outros jornais, principalmente devido às críticas agressivas ao *establishment* militar (MATOS, 2008, p.50).

Como conta Carolina Matos (2008), endossar as *diretas* significava refletir o desejo de milhões de brasileiros que queriam a volta da democracia depois dos “anos de chumbo”, das torturas, e do autoritarismo de nossos militares. “A Folha viu no apoio uma oportunidade para se capitalizar jornalisticamente” (MATOS, 2008, p.51).

A autora faz um contraponto interessante com a linha de passividade, omissão e conivência em relação ao estado que a *Folha de S. Paulo* vinha seguindo até então, desde o endurecimento da ditadura (AI-5). Diz ainda que só a partir do momento em que a *Folha* abandona essa postura é que ela conquista o posto de jornal político mais influente do país.

[...] a *Folha* abandonou a posição passiva em relação à ditadura. Dos anos 70 em diante, começou a adotar uma linha editorial de confronto, defendida em meio aos compromissos assumidos pelo regime de promover uma transição lenta e gradual de volta à democracia civil. Neste contexto, a cobertura das Diretas-Já pela *Folha* marcou o pico de seu engajamento com o jornalismo militante político. Com isso, conseguiu criar os meios para pavimentar sua posição como o diário político mais influente do país (MATOS, 2008, p.51).



A *Folha* em 1984 também é discutida pelo autor Manuel Carlos Chaparro no livro *Pragmática do jornalismo* (2007). Ele mostra como o *Jornal* embarcou de corpo e alma na campanha pelas eleições diretas assim que ela foi lançada em julho de 1983, em Goiânia.

Antes do primeiro comício, quando a campanha ainda estava no sigilo dos partidos de oposição, o sexto sentido de Otávio Frias levou-o a aceitar a proposta a ele apresentada primeiramente pelo filho Otavinho (Otávio Frias Filho), e depois por outros, para que a *Folha* embarcasse de corpo e alma no sonho da Nação (CHAPARRO, 2007, p. 113).

Chaparro mostra que à medida que o movimento ia crescendo e multidões tomavam as ruas a *Folha* se fazia presente, desde o primeiro momento. O autor cita a declaração de um dos jornalistas da *Folha de S. Paulo* na época, Boris Casoy, que acreditava que a *Folha* estava fazendo um jornalismo de campanha, engajado e as Diretas Já se transformaram na bandeira do jornal.

Por outro lado, a adesão da *Folha de S. Paulo* às Diretas não foi vista como puro e simples jornalismo engajado. Muitos a interpretaram como um lance genial de marketing, plenamente bem sucedido já que a *Folha de S. Paulo* nessa época se tornou o principal jornal do Brasil, como lembra Chaparro (2007).

Diz-se, e sem desmentidos, que a adesão à campanha das Diretas Já foi um lance genial de marketing, plenamente bem sucedido, pois a *Folha de S. Paulo* se tornou o principal jornal do Brasil, tanto em tiragem quanto em conceito na opinião pública [...] de qualquer forma, a experiência das Diretas Já provou que um jornal não é só um produto a ser gerenciado com mais ou menos competência; quando conquista a confiança e atrai as expectativas do público, torna-se uma entidade social e cultural [...] (CHAPARRO, 2007, p.114).

Metodologia - Felipe Pena, no livro *Teoria do Jornalismo* (2006), fala sobre a Teoria dos Definidores Primários e a Espiral do Silêncio. Esta teoria se volta, principalmente, para o poder que fontes privilegiadas têm na construção de uma notícia, deixando de centrar sua análise na manipulação de notícias feita por parte dos jornalistas.



A teoria dos definidores primários aproxima-se da concepção instrumentalista sobre a atividade jornalística, mas reconhece que ela também está sob a decisiva influência das rotinas produtivas (PENA, 2006, p. 153).

Em primeiro lugar, é preciso entender o que são definidores primários. Estes são fontes institucionalizadas, que falam em nome de uma instituição e fornecem, na maioria das vezes, as primeiras informações sobre o assunto. Exemplo: delegado de polícia, prefeito de uma cidade, presidentes de empresas, dentre outros. Estas fontes são sempre as primeiras a serem procuradas pelos jornalistas e a sua interpretação primária acaba por ditar o rumo de qualquer notícia. Tudo que diz um definidor primário acaba servindo como base e comandando a ação em todo seu tratamento subsequente, impondo claramente os termos de referência que nortearão o trabalho de construção da notícia e representação da realidade. Outro ponto que deve ser apontado é fato de que os definidores primários, além de influenciarem a construção da notícia, seu enfoque e conseqüentemente a própria linha editorial do veículo, estão dentro da lógica do jornalista de que as fontes oficiais dão mais legitimidade ao depoimento e credibilidade à matéria.

A Teoria dos Definidores Primários tem como ponto-chave a ideia de que ela reproduz a ideologia dominante, por dar preferência às fontes institucionalizadas, e perpetua o *status quo*.

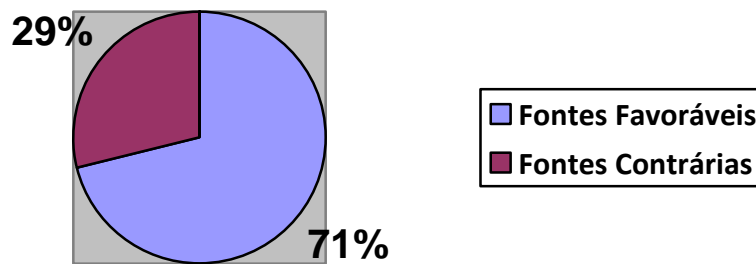
A partir desta ideia e tendo consciência desse poder definidor das fontes, a Teoria dos Definidores Primários foi utilizada como base para analisar como as fontes primárias influenciaram e exerceram esse seu “poder privilegiado” na construção das notícias e na posição editorial do jornal *Folha de S. Paulo*, durante o período das Diretas Já (1984).

Análise de dados - A partir dos exemplares da *Folha de S. Paulo* de 25 de março a 25 de abril 1984 – dia em que se deu a votação da Emenda Dante de Oliveira, puderam ser tiradas comprovações de que a *Folha de S. Paulo* apoiou as Diretas Já com base nas fontes que serviram como referência para ilustrar diferentes matérias, veiculadas pelo jornal no período.

Analisando as notícias da época, comprova-se uma predominância de fontes claramente favoráveis às Diretas Já. De um total de 307 declarações feitas pelas fontes, 214 expressaram opinião favorável às Diretas, ou seja, 71% do total de declarações.

Destas 214 opiniões, 179 foram declarações feitas por pessoas diferenciadas, ou seja, foram todas declarações feitas por novas pessoas, que não se repetiram como fonte.

Em 86 declarações, foram atestadas opiniões contrárias ao movimento, ou seja, 29% do total de declarações. Dessas 86 declarações contrárias, chegou-se ao número de 75 opiniões feitas por pessoas diferenciadas.



Ainda durante a análise das fontes, foi atestado que sete declarações de fontes ouvidas pelo jornal não se posicionaram a favor ou contra o movimento das Diretas, as quais foram consideradas como neutras.

Sendo assim, tem-se o total de 307 declarações, com 261 declarações de pessoas diferenciadas, ou seja, 85% das declarações são de pessoas diferenciadas.

Entre as pessoas (fontes de informação) que mais apareceram a favor das Diretas chegou-se ao nome do presidente do PMDB, Ulisses Guimarães, que apareceu sete vezes como fonte de informação direta (2,2% do total de declarações) e, entre as pessoas que mais apareceram contra as Diretas Já, está o nome do porta-voz do Planalto, Carlos Átila, que também aparece sete vezes (2,2% do total de declarações). Outro dado importante a ser apresentado é o número de vezes que o presidente do PMDB, Ulisses Guimarães, é citado como fonte indireta. Do total de 307 declarações, seu nome está presente em 94 delas, o que equivale a 30% do total de declarações.

A tabela a seguir mostra quais foram as fontes de informação mais citadas pelo jornal *Folha de S. Paulo* que falaram a favor do movimento das Diretas Já:



<b>Fonte</b>	<b>Cargo/Partido</b>	<b>Estado</b>	<b>% de declarações favoráveis às Diretas Já</b>
Ulisses Guimarães	Deputado/PMDB	SP	2,2%
Orestes Quércia	Vice-Gov/PMDB	SP	1,9%
Luís Inácio Lula da Silva	Presidente do PT	SP	1,6%
Tancredo Neves	Governador/PMDB	MG	1,9%
Franco Montoro	Prefeito/PMDB	SP	1,9%

A relação de fontes ouvidas pelo jornal que deram declarações contrárias às Diretas está abaixo:

<b>Fonte</b>	<b>Cargo/Partido</b>	<b>% de declarações contrárias às Diretas Já</b>
João Baptista Figueiredo	Presidente da República/PDS	0,65%
Paulo Maluf	Deputado/PDS	1,6%
Carlos Átila	Porta voz do Planalto	2,2%
Mario Andreazza	Ministro do Interior/PDS	1,3%

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base em todos os números decorrentes da análise qualitativa e quantitativa de dados - número final de 72% dos entrevistados tinha posição favorável ao movimento pela volta das eleições diretas, intitulado Diretas Já - em diferentes dias dos meses em que o movimento atingiu seu auge, pode-se concluir que a *Folha* apoiou e endossou o movimento das Diretas Já. Teve para isso, como base principal, a clara predominância nas páginas do período, de fontes ligadas ao movimento, como Ulisses Guimarães, Orestes Quércia e Franco Montoro. Fontes estas que representavam setores da sociedade civil que apoiavam e conduziam a campanha pela volta das eleições



diretas e que tinham como partido político o PMDB, o partido de oposição ao regime militar.

Com isso, foi validada a hipótese inicial deste trabalho de pesquisa de que a *Folha de S. Paulo* teria apoiado e endossado claramente o movimento conhecido como Diretas Já e, que esse apoio se deu, principalmente, por influência das fontes jornalísticas que atuaram como definidoras primárias das notícias, tal como diz a teoria de Felipe Penna, utilizada como base para este trabalho. Elas são definidoras primárias em dois sentidos: primeiro, porque conduzem a linha editorial e o posicionamento do jornal para a parcialidade da tomada de decisão no que se refere a dar apoio a um dos lados envolvidos em uma causa, no caso específico, as Diretas Já. Em segundo lugar, as fontes analisadas são definidores primários porque são as fontes mais importantes envolvidas no processo de redemocratização, como já dito anteriormente. São pessoas que ocupavam altos cargos no governo, fazendo oposição ou que representavam importantes setores da sociedade civil, em sua maioria líderes de partidos de oposição, como Luís Inácio Lula da Silva, presidente do PT na época, governadores e vice-governadores de importantes estados como, Orestes Quécia (vice-governador de São Paulo), Leonel Brizola (governador do Rio de Janeiro), Jair Soares (governador do Rio Grande do Sul), Espiridião Amim (governador de Santa Catarina).

A *Folha de S. Paulo*, em 1984, ilustrou as notícias a partir de fontes majoritariamente favoráveis às Diretas Já. Como consequência, o jornal demonstrou claramente sua posição favorável ao movimento. É como se a posição da fonte fosse transferida ao jornal; essa transferência não ocorreria se a mesma quantidade de fontes favoráveis ou contrárias ao fato fossem ouvidas. Quando esse espaço dado aos dois lados é desigual, beneficiando um deles em detrimento do outro, a transferência acontece de maneira rápida e certa. Se o espaço é maior para o lado favorável, o jornal passa automaticamente a ser favorável, porque se não o fosse, o espaço seria o mesmo para ambos os lados. A partir do momento que a balança se desequilibra uma posição editorial fica clara.

A partir das páginas analisadas, conclui-se, portanto, que a *Folha de S. Paulo* utilizou fontes favoráveis às eleições diretas para apoiar o movimento Diretas Já. Dessa maneira, confirma-se a hipótese que deu início a esta pesquisa, que a *Folha de S. Paulo* teria apoiado e endossado o movimento e tornado pública as vozes favoráveis a ele, de



maneira a caracterizar o próprio jornal como partidário das eleições diretas para presidente da República.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAPARRO, Manuel Carlos. *Pragmática do Jornalismo*. São Paulo: Summus, 2007.

COUTO, Ronaldo Costa. *História indiscreta da ditadura e da abertura Brasil: 1964 – 1985*. 3º ed. Rio de Janeiro: Record, 1999. 324–341p.

ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de Codificação em Jornalismo*. 5ª Ed. São Paulo: Ática, 2006. 183–188p.

FOLHA DE S. PAULO. *Manual de Redação da Folha de S. Paulo*. 12ª ed. São Paulo: Publifolha, 2007.

KOTSCHO, Ricardo. *Explode um novo Brasil. Diário da campanha das Diretas*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. 49-71p.

MATOS, Carolina. *Jornalismo e Política Democrática no Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Publifolha, 2008. 50–96p.

ORTIZ, Renato José P. O mercado de bens simbólicos. In: ORTIZ, Renato José P. *A moderna tradição brasileira - Cultura brasileira e indústria cultural*. 3ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1991.

PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*, 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo*. 4ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 465-472p.